

Revista GepeVida 2018

Edição Especial: Encontro e Diálogos com a Educação Ambiental

<http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida>

Volume 4. Número 8 – 2018 ISSN: 2447-3545

QUE EDUCAÇÃO AMBIENTAL É ESSA DA QUAL FALAMOS?

Larissa Rodrigues de Oliveira ¹
Elisabeth Brandão Schmidt ²

RESUMO

O texto tem como objetivo discutir a respeito dos movimentos de Educação Ambiental (EA) que são desenvolvidos no exercício de práticas pedagógicas de alfabetização de adultos trabalhadores, no contexto de educação não escolar (ENE) em uma cooperativa de resíduos sólidos, localizada na cidade do Rio Grande, RS. Sob o viés das experiências de docência, suscitam reflexões sobre a existência ou falta de ações voltadas à EA nesse espaço, e de que maneira essas iniciativas são desenvolvidas e potencializadas. Tal processo educativo acontece por meio do projeto de extensão “Alfabetizando mulheres trabalhadoras” que vem proporcionando espaço para o diálogo e o exercício da autonomia dos participantes do projeto a partir de reflexões sobre seu próprio contexto social e os papéis que eles desempenham para melhorá-lo.

Palavras-chaves: Educação Ambiental; Educação de Jovens e Adultos; Experiência docente.

1. INTRODUÇÃO

Esta escrita está circunscrita às discussões acerca dos processos de Educação Ambiental (EA) realizados durante as práticas pedagógicas de alfabetização de adultos, no contexto de educação não escolar (ENE), em uma cooperativa de resíduos sólidos, localizada na cidade do Rio Grande/RS. Com base nas reflexões suscitadas a partir das experiências de docência na alfabetização de adultos procuramos esclarecer de que maneira o ambiente no qual são exercidas as práticas pode ser, concomitantemente, um ambiente propício ao exercício da EA, porém um contexto onde a mesma não é desenvolvida em sua essência ou, em muitos momentos, nem considerada.

As práticas de alfabetização, que abordamos neste estudo, fazem parte do projeto de

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEDU/FURG). Universidade Federal do Rio Grande - FURG. Bolsista CAPES. E-mail: lara.adm11@gmail.com.

² Doutora em Educação. Professora Titular da Universidade Federal do Rio Grande – FURG. E-mail: elisabethschmidt@furg.br.

Revista GepeVida 2018

Edição Especial: Encontro e Diálogos com a Educação Ambiental

<http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida>

Volume 4. Número 8 – 2018 ISSN: 2447-3545

extensão inscrito no Sistema de Informação e Gestão de Projetos (SIGPROJ) com a nomenclatura: Alfabetização de mulheres trabalhadoras: Separando Coisas - Compreendendo a leitura e a escrita. Teve início no primeiro semestre de 2017 por intermédio da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, sob a responsabilidade do Núcleo de Estudos em Educação de Jovens e Adultos e Alfabetização (NEEJAA) e do Núcleo de Desenvolvimento Social e Econômico (NUDESE). As atividades são desenvolvidas no ambiente de trabalho dos estudantes, a cooperativa Santa Rita, duas vezes por semana, durante duas horas, sendo que o projeto conta atualmente com uma professora voluntária e uma bolsista de extensão que desenvolvem as práticas pedagógicas de maneira conjunta.

A cooperativa está localizada no antigo “lixão” do Rio Grande,RS, às margens da Avenida Roberto Socoowisk, entre o extinto “morro de resíduos” e uma estação de transbordo de materiais inservíveis. Os resíduos permanecem no referido local até serem transportados para o aterro sanitário “Metade Sul” localizado na cidade de Candiota,RS, localizado a 200 km do município do Rio Grande. Esse fato se justifica visto ser o aterro sanitário da Vila da Quinta propriedade privada da empresa que prestava serviços de recolhimento de resíduos à prefeitura, contudo em virtude de não renovação do contrato dessa empresa e contratação de uma nova, o destino dos resíduos foi alterado.

O local de recebimento e seleção dos materiais advindos da “coleta seletiva” (conforme figura 1) está situado abaixo da estação de transbordo, e possui apenas abrigo superior, o qual, em virtude de um vendaval ocorrido no ano de 2017, foi danificado e não mais recebeu reparos. Da mesma forma, as ferramentas de auxílio ao trabalhador, como as esteiras e prensas, permanecem estragadas ou em manutenção por longos períodos, de maneira que o trabalho é realizado manualmente, exigindo um maior esforço físico dos cooperados.

Revista GepeVida 2018

Edição Especial: Encontro e Diálogos com a Educação Ambiental

<http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida>

Volume 4. Número 8 – 2018 ISSN: 2447-3545

Figura 1: Local de trabalho dos cooperados



Fonte: Acervo da autora

Em consonância, as reflexões a respeito dos movimentos de EA desenvolvidos nesse contexto se justificam pela importância em ressaltar esse espaço educativo não escolar (ENE) como privilegiado para que pequenas transformações possam ocorrer a partir da compreensão dos trabalhadores sobre as realidades vivenciadas, assim como as possibilidades e maneiras de modificá-las. Nesse viés, intentamos responder ao seguinte questionamento: Que Educação Ambiental é essa desenvolvida em um ambiente de reciclagem de resíduos sólidos? Para tanto, assumimos como objetivos: compreender como acontecem as práticas de EA nesse contexto e analisar se o processo de alfabetização desenvolvido tem suscitado aos alunos realizar elucubrações a respeito da EA.

Assim, iremos nos valer das experiências vivenciadas na prática docente, tanto em sala de aula como nos momentos fora dela, desde o início do projeto, em abril de 2017 até o presente momento, levando em consideração os avanços, retrocessos, desafios e conquistas que permeiam esse espaço preñado de aprendizagens, tanto dos trabalhadores em processo de alfabetização, quanto da professora alfabetizadora. Utilizaremos como base teórica para as reflexões, principalmente, os conceitos que permeiam a Educação Ambiental (EA), Educação não escolar (ENE), Educação de Jovens e Adultos (EJA), e

Revista GepeVida 2018

Edição Especial: Encontro e Diálogos com a Educação Ambiental

<http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida>

Volume 4. Número 8 – 2018 ISSN: 2447-3545

experiência docente, os quais serão apresentados, no transcorrer desta escrita, e ao mesmo tempo serão trazidas para a composição do texto as narrativas das vivências que emergem da prática educativa desenvolvida no contexto de trabalho dos cooperados.

2. AS DIVERSAS FORMAS DE EXERCER A EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Parece óbvio pensar o desenvolvimento de uma EA no contexto de uma recicladora de resíduos sólidos, principalmente pela atividade fim da entidade, contudo, ao adentrar no cotidiano que envolve esse ambiente e seus participantes foi possível compreender que mesmo sendo um ambiente propício a tais reflexões, não foi essa a realidade encontrada. Primeiramente, pelo fato de que a maioria dos materiais recebidos pela cooperativa não são destinados à reciclagem, ou seja, não existe demanda por insumos como vidro e alguns tipos de plásticos entre outros tipos de objetos, de maneira que esses são realocados para a estação de transbordo, e destinados ao aterro sanitário sem maiores questionamentos.

Sendo assim, os cooperados voltam suas atenções apenas aos insumos que são matéria prima das empresas recicladoras das quais a cooperativa é fornecedora, tais como papelão, garrafas pet e latas, papel (como livros e cadernos), alguns objetos que são compostos por metais (e que possam ser separados), o que totaliza apenas uma pequena parte de todo material que é recebido por meio da “coleta seletiva”. Fica evidenciado, dessa forma, que o movimento de EA que embasa nossas convicções, voltado à consciência socioambiental, ainda gira em torno do interesse econômico que privilegia uma pequena parcela da sociedade.

Tal fato corrobora o que Sá (2005) esclarece como sendo:

A ideologia individualista da cultura industrial capitalista moderna construiu uma representação da pessoa humana como um ser mecânico, desenraizado e desligado de seu contexto, que desconhece as relações que o tornam humano e ignora tudo que não esteja direta e imediatamente vinculado ao seu próprio interesse e bem-estar. Esta visão particularista e fragmentada do ser humano tem sido amplamente apontada não somente como uma das causas, mas como o principal obstáculo para a superação da incapacidade política de reverter os riscos ambientais e a exclusão social. (p.247)

Revista GepeVida 2018

Edição Especial: Encontro e Diálogos com a Educação Ambiental

<http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida>

Volume 4. Número 8 – 2018 ISSN: 2447-3545

Ao levar em consideração essa assertiva compreendemos as dinâmicas que permeiam esse local, desde o ambiente insalubre onde as pessoas coexistem com resíduos inservíveis e fétidos, animais que possuem como função biológica a “limpeza” (ratos, baratas, urubus, carrapatos e pulgas), esgoto a céu aberto, valetas repletas de “lixos”, e a falta de condições físicas do trajeto até a recicladora. Este último se agrava, principalmente, em dias de chuva quando o tráfego dos caminhões de “lixo” sob a terra molhada cria valas enormes de lama e quando trabalhar sob o solo encharcado é inevitável, assim como o constante abandono de animais como cães e gatos que completam o cenário de pobreza e descaso. Além desses fatores, os indivíduos que lá estão são oriundos de histórias de vida sofridas, de pobreza extrema, de falta de estudo, violência, doenças, vícios, entre outras tantas mazelas que a desigualdade social atribui às camadas sociais menos favorecidas economicamente.

Esses fatores afetam inclusive a capacidade de enxergar que esse cenário é uma afronta à natureza humana, e que temos direito de bem viver indiferente das condições socioeconômicas, como esclarece Brandão (2005) sobre o conceito de meio ambiente e planejamento socioambiental:

O meio ambiente compreende não só a natureza com seus diferentes elementos vegetais, mineiras, animais, como também os laços construídos e habitados por nós, sejam urbanos ou rurais e que constituem o meio em que vivemos, nossa casa, nossa cidade, nosso município, nossa região, nosso planeta. Desse modo, o planejamento que busca a proteção da natureza e a melhoria da qualidade de vida das pessoas, inclusive das gerações futuras, pode ser chamado de socioambiental [...]. (p.158)

Realizar ações voltadas ao ambiente e aos sujeitos que nele transitam é fator preponderante na transformação de realidades como a narrada nessa escrita. Para além de compreender a EA por seu caráter conservacionista, o presente contexto proporciona ampliar o entendimento sobre esse conceito pelo viés transformador, que é esclarecido por Loureiro (2012) da seguinte forma:

A Educação Ambiental transformadora é aquela que possui um conteúdo emancipatório, em que a dialética entre forma e conteúdo se realiza de tal

Revista GepeVida 2018

Edição Especial: Encontro e Diálogos com a Educação Ambiental

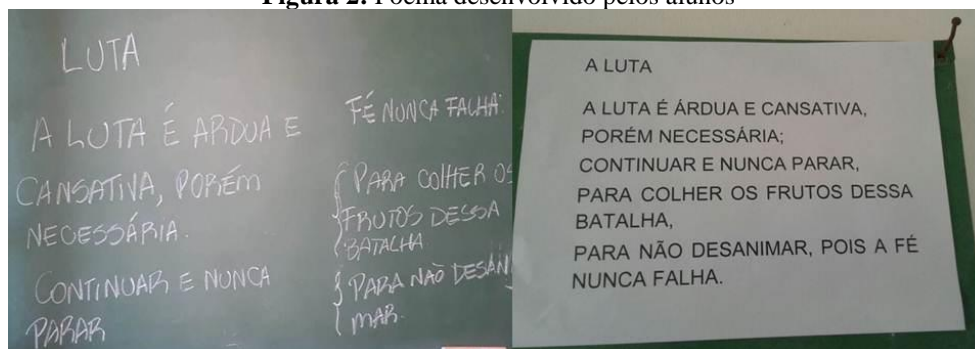
<http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida>

Volume 4. Número 8 – 2018 ISSN: 2447-3545

maneira que as alterações da atividade humana, vinculadas ao fazer educativo, impliquem mudanças individuais e coletivas, locais e globais, estruturais e conjunturais, econômicas e culturais. (p.99)

Nessa perspectiva, enfatizamos a relevância do processo educativo desenvolvido com os cooperados, pois este proporciona exercer a reflexão e autonomia que fazem parte do processo emancipatório que a abordagem de uma EA transformadora nos convida a realizar. Mais do que aprender letras, sílabas, sons e fonemas, aprendemos a pensar e repensar nossos papéis na sociedade, no microambiente em que estamos inseridos, de maneira a refletir sobre a importância das nossas ações na transformação que queremos que aconteça. Mesmo sendo considerados “analfabetos” ao que tange os conhecimentos escolares, esses indivíduos dotados de reflexão crítico-política veem no espaço chamado por eles de “escolinha”, o ambiente propício para manifestar seu pensar, seus questionamentos e indignações perante as injustiças e desigualdades que enfrentam em suas vidas. Tudo isso é possível comprovar na imagem de uma das atividades propostas em sala, a construção coletiva de um poema, resultado do trabalho realizado com a música “Paz” de Gabriel o Pensador, a partir da qual os alunos criaram o poema com o auxílio da professora que fez o papel de escriba (aquele que escreve o que o outro fala). Após esse poema foi impresso e fixado no canto direito do quadro para que possa servir como incentivo a novas criações.

Figura 2: Poema desenvolvido pelos alunos



Fonte: Acervo da autora.

Ao se posicionarem frente a situações de modo a confrontá-las, entendê-las e modificá-las desempenham o que Freire (2016) explana como sendo o caráter político da

Revista GepeVida 2018

Edição Especial: Encontro e Diálogos com a Educação Ambiental

<http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida>

Volume 4. Número 8 – 2018 ISSN: 2447-3545

educação que ultrapassa conhecimentos teóricos, curriculares e escolares, e oferece autonomia e autoridade aquilo que pensam e refletem, reiterando que o mais importante nesse contexto de carência, tanto financeira quanto de escuta e acolhimento social, é exercitar a emancipação individual e coletiva. Tal movimento se dá através da resistência às exclusões impostas pelas forças do sistema neoliberal, no qual para que alguns poucos usufruam do bem “estar/ter” social, outros não possam ter o mesmo direito, tendo que coexistir em cenários como o retratado nessa escrita, onde a palavra de ordem é a sobrevivência.

Nesse sentido, podemos defender que o espaço proporcionado pelas atividades desenvolvidas na execução do projeto é um movimento de resistência, visto que possibilita aos cooperados resgatar o direito que lhes foi retirado quando, alguns na tenra idade, outros mais adiante, tiveram que optar por deixar de estudar para trabalhar e sustentar a si e suas famílias. E hoje, mesmo que exista oferta noturna em escolas regulares, o cansaço físico proporcionado pelo trabalho pesado que exercem durante o dia os afasta dessa possibilidade, sem levar em consideração, nesse momento, fatores como a baixa autoestima e a crença de que adultos não conseguem mais aprender conteúdos escolares.

Durante o exercício da prática docente é possível compreender o que manifestam Di Pierro e Joia (2001) quanto à modalidade da EJA e suas particularidades: “a Educação de Jovens e Adultos (EJA) é um campo de práticas que transpassam os limites da escolarização” (p. 1), e, assim, estar inserido nesse contexto, mesmo que não escolar, inclui pensar além das relações sociais, políticas e culturais que envolvem essa modalidade, engloba considerar seus personagens, educandos e educadores, suas trajetórias, dificuldades e conquistas, pois são suas histórias que traçam os caminhos da EJA e definem para onde ela seguirá. Além disso, compreender que o ensino nessa modalidade exige:

[...] dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela (a escola) – saberes socialmente construídos na prática comunitária -, mas também [...] discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos. (FREIRE, 2016, p.31)

Revista GepeVida 2018

Edição Especial: Encontro e Diálogos com a Educação Ambiental

<http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida>

Volume 4. Número 8 – 2018 ISSN: 2447-3545

Levar em consideração os conhecimentos advindos das experiências dos participantes é base crucial para a realização das práticas pedagógicas de alfabetização, pois possibilita que eles se identifiquem e desenvolvam interesse pelos assuntos que são abordados em sala de aula. Partir do contexto de suas histórias permite construir vínculos entre os pares, deles com as professoras e principalmente com o processo de aprendizagem escolar pelo qual, inicialmente, apresentavam grande resistência, posto que, até então viveram suas vidas sem “precisar” desses conhecimentos, entendendo inclusive, que deles não tinham o direito de se apropriar.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em pesquisa realizada no ano de 2016, o Brasil totaliza o número expressivo de 11,8 milhões de analfabetos na faixa de 15 anos ou mais, o que corresponde a 7,2% da população, por esse motivo iniciativas como a do projeto “Alfabetizando mulheres trabalhadoras” se tornam emergentes na tentativa de diminuir a demanda histórica por educação. Mesmo que essa porcentagem tenha permanecido quase inalterada nos últimos dois anos (2016 e 2017), diminuindo a taxa em 0,02%, em torno de 300 mil (IBGE, 2018), ainda existe um número considerável de pessoas que por motivos diversos não permanecem na escola, e em alguns casos, nem chegam a ela.

Fatos como esses enfatizam o pensamento de Severo (2015) sobre a emergência de processos educativos para além das instituições escolares formais, ao afirmar que “[...] a atualidade tem sido cenário de proliferação de iniciativas cada vez mais visíveis de desenvolvimento de processos formativos em espaços não convencionais de ensino e aprendizagem.” (p. 565). Segundo o autor:

Compreende-se que a ENE pode ser conceituada como uma categoria temática que engloba práticas consideradas formativas situadas fora da escola. É, portanto, mais adequada para se referir aos espaços educativos em que ocorrem processos não formais e informais, embora em alguns casos seja possível reconhecer atividades formais que se desenvolvem fora da escola, em contextos não convencionais. (p. 565)

Nesse sentido, propostas de ENE em muitos casos podem ser a única oportunidade

Revista GepeVida 2018

Edição Especial: Encontro e Diálogos com a Educação Ambiental

<http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida>

Volume 4. Número 8 – 2018 ISSN: 2447-3545

para que algumas pessoas estejam em contato com a educação formal, como é o caso dos participantes do projeto. No início de 2017, foi composta uma turma apenas com mulheres, razão do projeto ter sido nomeado “Alfabetização de mulheres trabalhadoras: Separando Coisas - Compreendendo a leitura e a escrita”, permanecendo com essa estrutura até a metade do segundo semestre de 2017. Contudo, quase no fim do semestre letivo, o projeto recebeu alunos do sexo masculino, assim como as mulheres, em níveis diferentes de alfabetização. Tal fato mostra o aumento do interesse dos cooperados em virtude das práticas pedagógicas ocorrerem em local e horário de trabalho, e basicamente, pela significância atribuída pelos participantes a sua participação no projeto; pelo exemplo, incentivam os colegas a iniciarem ou retomarem os estudos.

Como consequência desse movimento, entendemos que a EA que é desenvolvida nesse contexto está voltada à transformação social que é suscitada pela mudança de visão sobre a realidade vivida, baseada no diálogo constante sobre a maneira de ser, estar e agir como cidadãos partindo do lugar em que estamos e daquilo que com base nele é possível construir. Loureiro (2012) defende a matriz de uma EA emancipatória que se pauta no fortalecimento dos indivíduos de maneira coletiva, criando espaços de convívio social em que se possam gerar alternativas para superar as formas de dominação impostas pelo sistema capitalista, e onde se busque compreender a complexidade do mundo e a convivência em sociedade (p.28).

Pequenas ações fazem parte desse movimento, a exemplo de um dos alunos que trabalha na sessão de papéis, desfolhando livros e cadernos, e que após exercitar a leitura durante as aulas passou a separar alguns livros que julga serem importantes para trabalhar com a turma, assim como lê partes dos livros didáticos que manuseia e compartilha com os colegas e professoras o que aprendeu enquanto está trabalhando. Nesse ponto recordamos Larrosa (2015) quando explana que “Este é o saber da experiência: o que se adquire no modo como alguém vai respondendo ao que vai lhe acontecendo ao longo da vida e no modo como vamos dando sentido ao acontecer do que nos acontece” (p.32).

Ainda segundo o mesmo autor “[...] a educação sempre tem a ver com uma vida que está mais além de nossa própria vida, com um tempo que está mais além de nosso

Revista GepeVida 2018

Edição Especial: Encontro e Diálogos com a Educação Ambiental

<http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida>

Volume 4. Número 8 – 2018 ISSN: 2447-3545

próprio tempo, com um mundo que está mais além de nosso próprio mundo” (p.36), portanto, os processos educativos de alfabetização extrapolam o tempo e espaço em que são exercidos; eles reverberam para além da vida daqueles que ali estão, pois transformam e remodelam as maneiras de compreender o mundo, a si e aos outros. Ações como essas evidenciam a potencialidade do ser humano em resistir e reafirmar-se frente às adversidades que lhes são impostas.

Muitos são os motivos para que os participantes tenham retomado o interesse por aprender a ler, escrever e interpretar (mencionando de maneira sucinta aquilo que é realizado por meio do processo de ensino), contudo o principal é a apropriação de conhecimentos que possam contribuir para modificar as realidades em que vivem. Desde a mãe que voltou aos estudos para incentivar a filha que tem síndrome do pânico e está com dificuldades de permanecer na escola, o pai que quer aprender para poder ensinar ao filho pequeno quando chegar a idade escolar, a menina com síndrome de Down que quer ampliar aquilo que já sabe, e o marido que relata a intenção de escrever uma carta para a esposa. Essas são as mãos que compõem a imagem que finaliza essa seção, mãos que como forma de resistência, seguram os lápis que escrevem o caminho que querem traçar.

Figura 3: Práticas pedagógicas



Fonte: Acervo da autora

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Revista GepeVida 2018

Edição Especial: Encontro e Diálogos com a Educação Ambiental

<http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida>

Volume 4. Número 8 – 2018 ISSN: 2447-3545

Ao analisar o contexto dos trabalhadores da cooperativa Santa Rita foi possível perceber que pouco se realiza de EA no que tange a ações voltadas a soluções ambientais que façam a diferença para a comunidade. Como mencionado anteriormente, as atividades desse coletivo são voltadas a suprir as demandas das empresas por alguns bens materiais, sendo que o restante que chega até o local por intermédio da “coleta seletiva” ou é realocado para a estação de transbordo ou acumulado no entorno, gerando um ambiente desorganizado e perigoso para os trabalhadores. Contudo, a própria existência da cooperativa pode ser compreendida como um processo de resistência e dignidade para aqueles que possuem poucas chances de escolha, visto que, por intermédio da mesma, esses sujeitos encontram motivação para o trabalho, acolhida de suas necessidades, e aprendem o verdadeiro significado de cooperar e a importância do papel de cada um na manutenção da cooperativa.

Outro fator que nos permite perceber os movimentos de EA realizados nesse contexto é o incentivo oferecido pela cooperativa para que os cooperados tenham oportunidade de retomar os estudos, inclusive ofertando local e materiais como mesas e cadeiras para a montagem da sala de aula, assim como o apoio dado pelo coletivo para que os participantes permaneçam frequentando as aulas. Dessa maneira, a EA que entendemos ser desenvolvida nesse contexto é aquela voltada ao crescimento social dos indivíduos, como menciona Loureiro (2012):

A educação ambiental não atua somente no plano das ideias e no da transmissão de informação, mas no da existência, em que o processo de conscientização se caracteriza pela ação com conhecimento, pela capacidade de fazermos opções, por se ter compromisso com o outro e com a vida. Educar é negar o senso comum de que temos “uma minoria consciente”, secundarizando o outro, sua história, cultura e consciência. É assumir uma postura dialógica, entre sujeitos, intersubjetiva, sem métodos e atividades “para” ou “em nome de” alguém que “não tem competência para se posicionar”. É entender que não podemos pensar pelo outro, para o outro e sem o outro. A educação é feita com o outro que também é sujeito, que tem sua identidade e individualidade a serem respeitadas no processo de questionamento dos comportamentos e da realidade. (p.33)

Revista GepeVida 2018

Edição Especial: Encontro e Diálogos com a Educação Ambiental

<http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida>

Volume 4. Número 8 – 2018 ISSN: 2447-3545

Nesse caminho, as práticas pedagógicas de alfabetização proporcionam aos participantes e as professoras, refletirem a respeito de como pequenas ações realizadas nesse microambiente auxiliam no crescimento e autonomia desses sujeitos. O pensar coletivo e a certeza da acolhida faz com que esses indivíduos se posicionem como agentes de mudança, inclusive auxiliando uns aos outros nas dificuldades que vão surgindo, tanto dentro, quanto fora da sala de aula. O incentivo mútuo, vínculo, amizade, cooperação e as correlações dos conteúdos e assuntos que são assimilados durante as aulas com as vivências em suas rotinas, nos ajudam a perceber o quão gratificante é o trabalho desenvolvido junto à cooperativa.

Esses posicionamentos podem ser percebidos em situações como a leitura conjunta do livro “O pequeno Príncipe” de Antoine de Saint-Exupéry, que menciona a saga do protagonista ao conhecer os diversos mundos e seus personagens. Ao finalizar a parte na qual o menino visita os planetas os alunos indicaram que a história se assemelhava a cena que viam através da janela (Figura 4), segundo eles: “um homem em seu mundo de lixo”, fato que demonstra a leitura de mundo com base na compreensão sobre a narrativa do livro.



Fonte: Acervo da autora

Para além de ensinar a ler e escrever, aprendemos juntos que somos parte da mudança que “queremos ver no mundo”. Essa premissa é também uma forma de vivenciar

Revista GepeVida 2018

Edição Especial: Encontro e Diálogos com a Educação Ambiental

<http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida>

Volume 4. Número 8 – 2018 ISSN: 2447-3545

a profissão docente e seus atravessamentos, como menciona Cunha (1989) sobre o caráter dinâmico do processo de formação docente:

A formação do educador é um processo, acontecendo no interior das condições históricas em que ele mesmo vive. Faz parte de uma realidade concreta determinada, que não é estática e definitiva. É uma realidade que se faz no cotidiano. Por isso, é importante que esse cotidiano seja desvendado. O retorno permanente da reflexão sobre a sua caminhada como educando e como educador é que pode fazer avançar o seu fazer pedagógico. (p.169-170).

Dessa maneira, pertencer ao referido projeto de alfabetização proporciona associar os conhecimentos acadêmicos às múltiplas facetas que a educação apresenta, expondo que é intrínseco ao processo de formação docente considerar as limitações e potencialidades de cada sala de aula, na intenção de diminuir a distância entre o “pensar” e “realizar” a EA nos contextos escolares e não escolares. Posto isso, reiteramos a relevância do diálogo constante entre as teorias acadêmicas e as práticas que envolvem a EA para potencializar ações que envolvam toda comunidade, como a execução do projeto Alfabetização de mulheres trabalhadoras que envolve a universidade, sociedade civil e comunidade em prol de um objetivo comum: o desenvolvimento de uma EA que proporcione aos indivíduos exercer sua autonomia e criticidade na transformação de suas realidades.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, C. R. **Aqui é onde eu moro, aqui nós vivemos**: escritos para conhecer, pensar e praticar o Município Educador Sustentável. 2. ed. Brasília: MMA, Programa Nacional de Educação Ambiental, 2005.

CUNHA, Maria Isabel da. **O bom professor e sua prática**. ed. 20. Campinas, SP. Papyrus. 1989.

DI PIERRO, Maria C. JOIA, Orlando. Ribeiro, Vera M. Visões da educação de jovens e adultos no Brasil. **Cadernos Cedes**, ano XXI, nº 55, novembro. 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática docente. 54ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

Revista GepeVida 2018

Edição Especial: Encontro e Diálogos com a Educação Ambiental

<http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida>

Volume 4. Número 8 – 2018 ISSN: 2447-3545

LARROSA, Jorge. **Tremores**: escritos sobre a experiência. Tradução Cristina Antunes, João Wanderley Geraldi. 1. ed.; 1. Reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo. **Trajetória e fundamentos da educação ambiental**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

SÁ, Laís Mourão. Pertencimento. In: JR, Luis Antônio Ferraro (org.). **Encontros e caminhos: formação de educadoras(es) ambientais e coletivos educadores**. Brasília: MMA, Diretoria de Educação Ambiental, 2005, v. 01. p. 245 - 255.

SEVERO, José Leonardo Rolim de Lima. Educação não escolar como campo de práticas pedagógicas. **Revista brasileira Estudos pedagógicos (online)**, Brasília, v. 96, n. 244, p. 561-576, set./dez. 2015.

Recebido em novembro de 2018.

Aceito em dezembro de 2018.